

UM PRÓLOGO

Ali estava Cecília, posta em seu caixão. No declínio da tarde, o sol ainda coloria os vitrais da capela funerária da Misericórdia do Rio de Janeiro. Um feixe de luz sangüíneo iluminava o rosto da morta, dando-lhe uma equívoca vida. Naqueles dias evitavam-se os velórios em casa.

O homem da Casa de Pompas Fúnebres Pacheco & Filhos, encostado junto à tampa do esquife, viu quando aquele senhor chegou, foi cumprimentado pelos pouquíssimos que ali estavam e dirigiu-se para o lado de Cecília. Viu também quando ele fez o sinal da cruz e fechou os olhos. Inclina o rosto entre as palmas das mãos. Seu corpo oscilou. Uma senhora aproximou-se e pegou-lhe o braço, dizendo-lhe que sentasse. Ele desvencilhava-se com uma hostilidade que mascarava a dor e foi até a porta. Pôs o chapéu panamá. Olhava para os lados, olhava para cima. Gesticulava sozinho. Saiu em direção à parada do bonde, mas sua perturbação era tanta que poderia ter-se encaminhado ao sentido oposto.

Por medo do contágio, resolveram antecipar o sepultamento. Chamaram o capelão, que encomendou o corpo com a urgência requerida por outro cadáver. A febre amarela já levava uma dezena de mortos na cidade. Os cidadãos preocupavam-se, mal sabendo que em poucos anos teriam uma epidemia catastrófica, na qual seus filhos e netos pereceriam como moscas.

Aquele senhor preferira caminhar. Demorou-se no trajeto, tentando organizar sua alma. A morte de Cecília era o sinal: aceitaria a missão que lhe davam. Muito ele desconhecia as origens daquela incumbência.